

“Sobre a morte e o morrer”: Concepções do processo de finitude humana na percepção da obra literária de Elisabeth Kübler-Ross.

Evania Regina de Oliveira Mariz*

Gabriela Machado Cafeiro**

RESUMO

Introdução: A morte se caracteriza como um fenômeno natural da vida humana que provoca aflições em diversos indivíduos. O tema morte é polêmico, espinhoso e difícil de ser tratado, por isso raramente é falado. A cultura contemporânea superou muitos tabus, no entanto, permanecem enraizados os relacionados à morte. **Objetivo Geral:** Analisar o processo de finitude na percepção da obra literária “Sobre a morte e o morrer” de Elisabeth Kübler-Ross. **Objetivos Específicos:** Elucidar sobre as concepções da finitude humana no âmbito da Psicologia, demonstrar quais são os processos envolvidos durante o enfrentamento da terminalidade e relacionar os eixos temáticos da obra literária de Elisabeth Kübler-Ross com o processo de finitude, na percepção da Psicologia. **Metodologia:** Pesquisa com caráter secundário, exploratório e bibliográfico com a utilização documental da obra Sobre A Morte e o Morrer, de Elizabeth Kubler-Ross (1969). **Resultados e Discussão:** Foi possível constatar aspectos relacionados ao processo de morte e finitude humana. Foram levantadas as principais concepções sobre esse processo e sua relação com a tríade: paciente/família/profissionais de saúde assim como as contribuições da Psicologia frente a essa temática. Ficou evidenciado que o processo de finitude humana é vivenciado pelos pacientes de forma multidimensional e singular, esse que possui a participação dos familiares e dos profissionais de saúde. A obra de Elizabeth Kubber-Ross, foi utilizada como dogma central para nortear os relatos aqui apresentados demonstrando a compreensão sobre as repercussões emocionais vivenciadas neste processo. **Considerações Finais:** Com a execução do estudo, foram elucidadas as concepções históricos/sociais da morte que refletem diferentes vivências acerca do contexto sócio/cultural experienciado, os estágios da morte e as possíveis repercussões emocionais segundo a obra central de Kubber-Ross e pôr fim a contribuição da Psicologia nos aspectos emocionais na tríade paciente/família/profissionais de saúde

Descritores: Morte, Finitude Humana, Psicologia

ABSTRACT

Introduction: Death is characterized as a natural phenomenon of human life that causes afflictions in several individuals. The topic of death is controversial, thorny and difficult to deal with, which is why it is rarely talked about. **General Objective:** To analyze the process of finitude in perception and optics, of the literary work “On death and dying” by Elisabeth Kübler-Ross. **Specific Objectives:** To clarify the concepts of human finitude from the perspective of psychology, to demonstrate what are the processes involved during human finitude and to relate the thematic axes of Elisabeth Kübler-Ross's literary work with the process of human finitude in the perception of psychology. **Methodology:** Research with secondary, exploratory and bibliographic character with the documentary use of the work On Death and Death, by Elizabeth Kubler-Ross (1969), **Results and Discussion:** It was possible to verify aspects related to the process of death and human finitude. The main conceptions about this process and its relationship with the triad: patient / family / health professionals were raised, as well as the contributions of psychology to this theme. Elizabeth Kubber-Ross' work was used as a central dogma to guide the reports presented here demonstrating the understanding of the emotional repercussions experienced in this process. **Final Considerations:** With the execution of the study, the historical / social conceptions of death that reflect different experiences about the socio / cultural context experienced, the stages of death and the possible emotional repercussions according to the central work of Kubber-Ross and ended the contribution of psychology to emotional aspects in the patient / family / health professionals triad

Descriptors: Death, Human Finitude, Psychology.

* Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida; ** Psicóloga, Docente da Faculdade Ciências da Vida e Orientadora da pesquisa

1 INTRODUÇÃO

A percepção referente a vivência da morte tem sofrido transformações ao longo da humanidade, processo esse que vem continuamente acompanhando as transformações da sociedade no contexto da evolução humana. Deste modo, a morte pode ser vista como uma experiência tranquila e/ou esperada, assim como uma catarse de emoções carregadas de sentimentos como a angústia, temor e aflição. No contexto social, diversas enfermidades e acontecimentos estão associados ao processo de morte, contudo alguns desses processos se caracterizam como patologias agressivas, que iniciam um processo de terminalidade ao paciente e causam uma série de sentimentos para os próprios indivíduos, para a família e para os profissionais de saúde envolvidos nesse processo (DE AQUINO, 2017).

O homem, desde os tempos antigos busca atribuir significados a morte, sendo estes relacionados ao misticismo, a magia, ao espiritual e até ao sobrenatural. A doença, a morte e o morrer são processos presentes no cotidiano de inúmeros sujeitos. Dessa forma quando não há a probabilidade de cura, é necessário lidar com o processo de terminalidade, visto que, a aproximação da morte, desponta atitudes e repercussões emocionais resultantes em processos multidimensionais (KOVANCS, 2016; MAIA, 2017; GONGO et al., 2017; MANOZ, CLÁUDIA; 2017).

Nesse contexto, várias são as concepções histórico/filosóficas atreladas ao processo de morte e finitude humana. Concepções e contribuições da Psicologia lançam a luz opiniões e práxis e ajudam em uma melhor compreensão desse processo. Com isso esse estudo buscou trabalhar essa temática sob a ótica de uma obra literária. A obra escolhida “Sobre a morte e o morrer” foi publicada em 1969, pela autora sueca Elisabeth Kubler-Ross. Médica com especialidade em psiquiatria, ficou conhecida na literatura científica como uma grande estudiosa no núcleo da tanatologia e por suas contribuições nessa área.

A presente pesquisa traz como questão norteadora, como é compreendido o processo de finitude humana na percepção da obra literária de Elisabeth Kübler-Ross no âmbito da Psicologia? Como objetivo geral do estudo busca-se analisar o processo de finitude humana na percepção e ótica, da obra literária “Sobre a morte e o morrer” de Elisabeth Kübler-Ross. Os objetivos específicos buscam elucidar sobre as concepções da finitude humana na ótica da Psicologia, demonstrar quais são os processos envolvidos durante o enfrentamento da terminalidade e relacionar os eixos temáticos da obra literária de Elisabeth Kübler-Ross com o processo de finitude, na percepção da Psicologia. Pressupõe nesse estudo, que a obra de

Kubler-Ross possui uma vasta contribuição no âmbito da psicologia aliada a tanatologia e seus desdobramentos. Deste modo, o presente estudo se justifica na qualidade de compreender, como são vivenciados os processos emocionais no contexto da terminalidade humana pelos sujeitos do processo (pacientes, família e profissionais da saúde), buscando vislumbrar o papel da Psicologia frente a individualidade de cada sujeito no enfrentamento dessa realidade. A relevância desse estudo é baseada na sensibilidade de se trabalhar um tema delicado e difícil para a maioria dos indivíduos, assim como elucidar sobre as principais contribuições da obra estudada, em um recorte espaço-temporal sobre o tema estudado. Trata-se de uma pesquisa com caráter secundário, exploratório e bibliográfico utilizando literatura pertinente ao tema, assim como a obra literária supracitada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEPÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS SOBRE O PROCESSO DE MORTE E MORRER.

O tema morte é polêmico, espinhoso e difícil de ser tratado, por isso raramente é falado. A cultura contemporânea superou muitos tabus, no entanto, permanecem enraizados os relacionados à morte. Especificamente, a morte, continua a ser um tabu social que só vem a debate quando reflete nuances delicadas como a eutanásia ou o suicídio. Conversas e contextos sobre o fim da vida humana, não eram tratado com tanta frequência no universo produtivista na sociedade consumista, contudo nota-se que nos últimos anos uma espécie de romantização da morte ganhou as grandes telas assim como o universo web, séries televisivas como a série *“13 reasons Why”* que reflete a morte no contexto suicida, ou o longa metragem *“Como eu era antes de você”* adaptado da obra da britânica Jojo Moyes, que mostra a terminalidade e decisão de um jovem adulto pela eutanásia figuraram entre os conteúdos mais visualizados no ano de 2018. Neste sentido, observa-se que cada ser vivo está em constante vivência no seu ciclo vital, enfrentando processos naturais como o nascimento, e outros nem tanto, como a morte (CAMPBELL; YARANDI; DEVE-MEDOWS, CAMPOLINA *et al.*, 2014).

A morte se caracteriza como um elemento social. Seja pelo ponto de vista de sua rejeição pelas crenças e práticas religiosas, ou pela forma de acometer os indivíduos. A morte é um elemento da história, embora a morte dos humanos seja, em geral, um processo natural, resultante da deterioração do corpo humano por doenças, traumas ou pela idade, a opção pela

morte voluntária tem sido, uma forma de sub-rogar-se ao poder celestial e divino descrito por culturas religiosas ou até mesmo sociais (TREVISAN MONTEIRO *et al.*, 2016; MARQUES, 2016).

Díspares percepções sobre a morte podem ser encontradas em diferentes partes mundo. A morte carrega consigo uma larga carga cultural, fazendo com que indivíduos que vivenciam processos culturais distintos podem experienciar a morte, o morrer e o luto de forma diferente. No Brasil se comemora o dia de finados no dia 2 de novembro, data que simboliza a reflexão sobre a falta dos entes queridos que morreram. Já no México, a morte é celebrada em forma de festa, no tradicional *Día de los muertos* celebração que exalta os entes que já se foram, de forma alegre e feliz. Na África na pequena ilha de Madagascar tem-se a tradição de dançar com os corpos e os restos mortais, enquanto no Japão os familiares que já partiram são lembrados de forma singela em pequenos altares construídos dentro das residências (DE OLIVEIRA MARTINEZ; CONDE, 2019).

A morte é sem dúvida um elemento cultural e é experienciada de forma singular por cada indivíduo, cultura ou sociedade. A forma que se lida com a morte transcende os feitos emocionais pré-estabelecidos e reflete uma série de sentimentos como o medo, a aflição, a angústia, o sofrimento entre outros. Com o avançar da humanidade a morte vem sendo encarada de forma diferente, seja em relação ao seu enfrentamento pelos próprios pacientes, familiares e profissionais de saúde ou pelos processos que buscam de certo modo participar da morte como os cuidados paliativos (DE SOUZA, 2019).

2.2 PANORAMA ATUAL SOBRE OS CUIDADOS DE SAÚDE DURANTE O PROCESSO DE FINITUDE HUMANA

A Medicina atual atravessou grandes mudanças no transcorrer deste século. Diferentes melhorias no exercício médico, principalmente em áreas cirúrgicas, terapêuticas, de reanimação e em especial no campo da medicina moderna, vem promovendo melhorias significativas no que diz respeito a saúde, em relação ao controle e eliminação de doenças, tornando cada vez mais escassos os casos de morte natural (FELIX *et al.*, 2015).

Por um lado, o avanço proporcionado pela medicina moderna vem oportunizando grande melhoria no que tange a qualidade de vida das pessoas, principalmente em sociedades desenvolvidas, fazendo com que haja uma progressiva diminuição da mortalidade, no entanto de outro lado, essa maior sobrevivência pode promover um prolongamento dispensável com a implantação de tratamentos injustificáveis e com a obstinação terapêutica extremista e a

qualquer custo. Partindo dessa linha de pensamento, a vida humana é determinada por circunstâncias, dentre as quais, pode-se destacar a busca de maneira contínua por um corpo saudável, uma esfera da realidade que pode se confrontar com dois polos que são a saúde e a doença. Portanto, o aumento dessa longevidade ocasiona também um aumento significativo de pessoas que sofrem com doenças terminais, com o quadro irreversível, acompanhando a pessoa até sua terminalidade (SANTANA *et al.*, 2017; RUDVAL *et al.*, 2016).

Magalhães e Do Nascimento (2017) afirmam que desenvolver cuidados à pessoa que está diante da morte é de responsabilidade majoritária dos profissionais da saúde e, principalmente, dos profissionais da Enfermagem, que são integrantes de uma equipe interdisciplinar e multidisciplinar de cuidados à saúde. Camargo (2014) afirma que estes profissionais, apesar de atuarem em conjunto na sua prática cotidiana, são os que ininterruptamente se fazem presentes, prestando cuidados a maior parte do tempo às pessoas de forma direta, cuidando delas mesmo quando a cura não se encaixa no quadro de saúde da pessoa. Esses profissionais, que os acompanham ao longo da vida, cuidam ainda nos pós-morte, na preparação do corpo e na assistência aos familiares, juntamente com os profissionais da assistência social e Psicologia.

A medicina tecnicista e moderna busca incansavelmente a cura dos indivíduos, tendo como seu foco de estudo as partes doentes e alteradas do corpo físico do indivíduo. A centralização na cura fisiológica desvia o foco da pessoa como um todo, focando apenas no processo fisiopatológico evidente, deste modo a multidimensionalidade do processo de morte se submerge perante o modelo biomédico atual. Os profissionais de saúde assim como os familiares são pilares atingidos no processo de terminalidade humana, que merecem também receber a assistência psicológica e emocional necessária frente a esse processo complexo (CARDOSO; DOS SANTOS, 2017; MOREIRA, 2017). Nesse sentido se elucida sobre as concepções do processo de saúde e doença, uma vez que saúde se caracteriza como um conceito amplo que vai além da ausência de enfermidade ou processo patológico, abrangendo o bem estar biopsicossocial do indivíduo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa tem caráter secundário, exploratório e bibliográfico. A coleta de dados buscou fomentar subsídios para a elaboração de um referencial teórico ligado ao tema do presente estudo, nesse caso sobre a finitude humana, no contexto de pacientes em estágios terminais, foram utilizados como descritores para a busca: Terminalidade, Finitude Humana,

Pacientes Terminais. Os bancos de dados utilizados foram: Scientific Eletronic Library Online (SciELO), o portal de periódicos do Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e a Literatura Latino América e do Caribe de Ciências (LILACS).

Para realização do estudo foi utilizada como base documental central, a obra “Sobre A Morte e o Morrer”, de Elizabeth Kubler-Ross (1969), fonte primária de coleta para embasamento e fomento da discussão acerca do tema. No livro, a autora descreve sua percepção sobre o processo de morte através de uma série de entrevistas com pacientes internados em um hospital de Chicago, que vivenciaram os cinco estágios emocionais durante o processo de morrer. A autora descreve também as dificuldades e fragilidades encontradas pela equipe multiprofissional ao lidar com os pacientes em estágios terminais e o processo de comunicação de notícias difíceis para os familiares.

Após a leitura do material selecionado foram construindo analogicamente três eixos temáticos para este estudo, partindo dos pontos congruentes entre a obra literária estudada e os discursos elucidados na literatura de apoio, sendo estes: Sobre a morte e o morrer: a terminalidade na ótica histórica/social de Elisabeth Kübler-Ross; Aspectos emocionais relacionados aos cinco estágios da morte: compreensão sobre a multidimensionalidade do processo de terminalidade e contribuições da Psicologia no processo de finitude humana: Suporte emocional para os pacientes, familiares e profissionais de saúde.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 SOBRE A MORTE E O MORRER: A TERMINALIDADE NA ÓTICA HISTÓRICA/SOCIAL DE ELISABETH KÜBLER-ROSS

Elizabeth Kubler-Ross, médica psiquiatra já elucidava em meados da década de 70 o enfrentamento da morte em seus contextos históricos sociais. O temor da morte, vislumbrado por inúmeros indivíduos sempre representou um fator condicionante de medo para população em geral. Morrer não é caracterizado como um processo de fácil aceitação. Pacientes, familiares e até mesmo os profissionais de saúde tem receio em lidar com essa temática, mesmo sendo essa uma certeza inevitável na vida de todos os seres humanos. Diferentes percepções sobre a morte podem ser vivenciadas nas diferentes fases do ciclo vital, como por exemplo a morte de crianças que impacta emocionalmente de forma mais expressiva que a morte de idosos em estágios terminais, fato elucidado por uma construção sócio/cultural

(KUBLER-ROSS, 1985). Nesse contexto o processo de morte é vislumbrado como uma experiência que possui uma carga histórica/social, do fato que seu enfrentamento é influenciado pelo contexto em que acontece, como os agentes causadores e o padrão de saúde e doença que acomete os indivíduos.

A obra de Kubler-Ross também descreve sobre o padrão de doença que acomete a população, esse que está intrinsicamente relacionado com os índices de mortalidade. Desde a era pós-revolução industrial, houve uma industrialização e mecanização de métodos que antes eram realizados exclusivamente pelos indivíduos, o que impactou de forma expressiva na vida da população, principalmente em sua alimentação e bem-estar (KUBLER-ROSS, 1985). Dessa forma surgiram os processos de transição nutricional (mudança no padrão alimentar da população de alimentos in natura para alimentos processados) e transição epidemiológica (mudança no padrão de acometimento patológico da população, de doenças infectocontagiosas como a tuberculose para as doenças crônicas não transmissíveis como o câncer). Deste modo, o padrão de mortalidade da população sofreu e sofre mudança ao longo dos anos, sendo influenciado pelos parâmetros supracitados.

Tais fatos evidenciam que concepções históricas podem influenciar o processo de morte e morrer, mesmo que de forma indireta. Kubler-Ross também relata que aspectos como as epidemias e pandemias também influenciam os índices de mortalidade, e são capazes de exercer repercussões emocionais nos sujeitos que experienciam essa fase e ainda pontua como a medicina evoluiu constantemente na busca de restringir a brevidade do processo de morrer (KUBLER-ROSS, 1985). Nesse panorama, é visto como a morte é um processo cíclico, universal, natural e mutável que não importa a causa ou o motivo, a morte sempre estará presente.

Com a presença de inúmeras morbidades, o enfrentamento a essa realidade se tornou um constante tabu. O temor da morte é algo presente sempre que se discorre sobre essa temática. A morte é descrita como um assunto espinhoso e sério demais para algumas camadas da sociedade. Constantemente é visto como o enfrentamento da morte é lidado de maneira dispare em uma mesma família, para as crianças a morte é contextualizada de forma lúdica, impessoal como a construção de objetos inanimados como anjinhos, estrelinhas entre outros ou até mesmo nem comunicada, já para os adultos a morte tem seu impacto sólido e bem estruturado sendo necessário que essas pessoas enfrentem de maneira concisa esse processo.

Para se evitar o temor da morte que é visto pela maioria dos indivíduos, evita-se até mesmo se falar sobre o assunto. A morte não é claramente transposta como um tema muito

recorrente na grande mídia em geral, principalmente para as grandes transmissões. Normalmente quando a morte é abordada em contextos audiovisuais, ela assume uma visão estratificada e fragmentada, possuindo sempre um nicho bem específico, como exemplo os filmes que retratam pacientes terminais com câncer. Tais aspectos demonstram que a morte é universal, contudo, pode-se dominar sua aceitação em vários níveis e domínios. Omitindo suas realidades e seus contextos ou deixando-a visível apenas para quem apenas possui gerenciamento emocional para tal.

Kubler-Ross relata como a sociedade é propensa a ignorar a morte e seus processos subjacentes como o adoecimento e a terminalidade como um todo, até na formação dos profissionais que lidam diariamente com esse assunto: os profissionais de saúde (KUBLER-ROSS, 1985). Os cursos da área da saúde especialmente os de Medicina e Enfermagem são contemplados com um currículo fortemente composto por ementas que refletem a formação científica e fracamente contemplados com disciplinas que retratam o enfrentamento da morte na área da tanatologia. Deste modo, os profissionais da saúde, que diariamente lidam com esses processos tendem a apresentar certa dificuldade no enfrentamento dessa realidade, por aspectos de sua formação deficiente somada ao tabu de se falar sobre a morte que é enraizado na sociedade (RAMOS *et al.*, 2018; REIS *et al.*, 2016)

Sendo assim a obra de Kubler-Ross mesmo sendo publicada na década de 70, ainda é tida como uma obra extremamente atual, refletindo os processos histórico/sociais do processo de morte que são lidos até hoje na sociedade contemporânea.

4.2 ASPECTOS EMOCIONAIS RELACIONADOS AOS CINCO ESTÁGIOS DA MORTE: COMPREENSÃO SOBRE A MULTIDIMENSIONALIDADE DO PROCESSO DE TERMINALIDADE

Elizabeth Kubler-Ross em sua obra, elucidou sobre os estágios emocionais presentes no processo de morte e luto. Segundo a autora, cada fase é correspondente a um estágio emocional vivenciado pelo indivíduo que de maneira cronológica perpassa por todas as fases e experiencia todas as cargas emocionais presentes no contexto como um todo. Negação, raiva, barganha, depressão e aceitação são os estágios descritos na obra, esses que são relatados até hoje na tanatologia moderna.

A negação corresponde a uma defesa psíquica que condiciona o indivíduo a negar a situação e sua realidade, recusando a existência do fenômeno e evitando até se pronunciar sobre o assunto. Pode ser classificada como uma defesa temporária, sendo substituída pela

aceitação parcial. A fase da negação condiciona certos sentimentos de incredulidade em que o indivíduo nega vividamente a situação a qual está vivenciando. Perguntas como “porque eu?”, “como isso aconteceu comigo?” são discursos que podem ser encontrados em pacientes nessa fase. Aspectos emocionais não são tão acentuados nessa fase, pois a negação da realidade transcende para o lado emocional do indivíduo, fazendo que não haja a expressão sentimental tão acentuada (KUBLER-ROSS, 1985).

A raiva sucede a fase da negação, e corresponde a revolta do indivíduo com o mundo, se sente injustiçado e não se conforma o porquê está vivenciando essa situação. Uma efusão de sentimentos ganha o paciente que não estabelece uma gestão adequada desses, trazendo ainda mais uma sensação de revolta. A prematuridade de ações e a exposição de fragilidades também fazem parte dessa fase, que é marcada pela catarse de sensações diferentemente da primeira fase retratada (KUBLER-ROSS, 1985).

A barganha ou negociação se caracteriza como a fase de se buscar realizar processos de troca frente a morte ou o luto vivenciado. As negociações podem acontecer com o próprio indivíduo ou com as outras pessoas envolvidas no processo. É comum que nessa fase, haja a influência da fé, em que o sujeito irá buscar acalanto em todas as áreas existentes, como na prospecção divina ou espiritual. Frente as repercussões emocionais presentes nessa fase a autoaceitação ou o autogerenciamento podem ser sentimentos vislumbrados, na tentativa de se buscar reverter a situação através de trocas e negociações (KUBLER-ROSS, 1985)..

Depois da negação, raiva e barganha o indivíduo busca acolher sua condição e se isola em seu mundo buscando aceitar de forma prática sua realidade, na fase da depressão. Nessa fase o indivíduo se isola melancolicamente e necessita de cuidados principalmente em relação ao seu estado emocional. A depressão é decorrente não apenas do impacto da doença sobre o indivíduo, mas também sobre sua família e as alterações sofridas por ela. Há o enfraquecimento emocional e a necessidade de cuidados dos familiares assim como da equipe de saúde. São descritos dois tipos de depressão: a reativa e a preparatória. Na primeira modalidade, surge uma baixa da reatividade emocional o que demanda uma abordagem multidisciplinar com apoio e orientação emocional, principalmente no âmbito psicossocial enquanto o segundo tipo é quando o paciente estabelece a visão da situação, dá conta de que perderá tudo que ama (KUBLER-ROSS, 1985).

Por fim a fase da aceitação, corresponde com o período de maior desgaste físico e emocional. Nessa fase, a dualidade entre o viver e o morrer e os sentimentos desvanecem. Caracteriza-se como um período em que o paciente pode expor seus sentimentos de forma mais clara, contudo é necessário que haja pessoas disponíveis e preparadas para a realização

desse contato. Juntamente com a depressão, essa fase é a que mais demanda um suporte ao paciente. Nesse panorama a família e a equipe de saúde precisam estar aptas na realização da escuta ativa desse indivíduo, e dessa forma conduzir o fim do processo de maneira harmônica (KUBLER-ROSS, 1985).

Ainda sendo elucidada em fases cronologicamente estabelecidas, Kubler-Ross em sua obra retrata que possa haver uma sobreposição dessas fases ou mesmo a inexistência de algumas. A autora relata também que mesmo para os pacientes mais realistas, há sempre uma luz esperançosa, que não deve ser ofuscada com verdades cruéis ditas de forma tão direta. Os estágios apresentados evidenciam o estilo de multidimensionalidade do processo de morte e morrer, que pode ser evidenciado de forma singular por cada indivíduo, família ou equipe de saúde. A morte mesmo que seja um evento concreto, reflete o que há de melhor e pior em cada contexto, o fim de um ciclo pode parecer algo que cause estranheza ou demonstre repercussões emocionais mais severas, contudo esse se finda como necessário, uma vez que se falar de morte ainda é um processo difícil (KUBLER-ROSS, 1985).

Compreende-se então, que o processo de morte é vivenciado de forma multidimensional pelo paciente, especialmente pelo paciente em estágio terminal. A brevidade de sua existência em contraponto com o sofrimento patológico vivenciado, faz com que a morte assuma uma série de contextos tanto para o paciente quanto para os indivíduos que estão em núcleo social. Nesses contextos estão inseridas as concepções históricas e sociais que refletem como a aceitação da morte pode ser mutável, os estágios ou fase da morte vivenciados pelo paciente e sua ligação com seu círculo social. Por fim cabe ressaltar qual é a contribuição da Psicologia frente a esse complexo evento, destacando suas contribuições para o próprio paciente, seus familiares e até para os profissionais de saúde (VIEIRA; WARSCHUNNG, 2018).

4.3 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO PROCESSO DE FINITUDE HUMANA: SUPORTE EMOCIONAL PARA OS PACIENTES, FAMILIARES E PROFISSIONAIS DE SAÚDE

A comunicação entre os atores presentes no processo de enfrentamento da terminalidade humana se caracteriza como de suma importância para que dessa forma tudo flua de maneira harmônica. Para o paciente as informações devem simbolizar sua situação realística e quais são as próximas inferências relacionadas ao seu estado de saúde, já para os familiares as informações repassadas devem esclarecer sobre a total realidade do diagnóstico,

prognóstico e sobrevida do paciente sendo relatado até quais estratégias podem ser empregadas caso o quadro do paciente não possua reversão (MONTEIRO; MAGALHÃES; MACHADO, 2017). Por fim os mensageiros das notícias (os profissionais da saúde), estabelecem a linha coesiva entre os pacientes e os familiares, e devem transmitir de forma clara e coesa a real situação vivenciada.

Tal situação exige dos envolvidos compromisso mútuo, tanto com si próprios, quanto com os demais indivíduos. O desgaste físico e emocional ocasionado por esse momento pode contribuir para o surgimento de repercussões emocionais e falta de controle sobre a gerência emocional. Nesse âmbito acompanhamento clínico e psicológico são de total valia para todos os atores do processo. Pacientes, familiares e profissionais da saúde devem receber apoio emocional e psicológico para que o enfrentamento do processo aconteça da melhor maneira possível (MARTINS, 2019; DE ALMEIDA, 2019; DA LUZ *et al.*, 2018).

Diante dos fatos que causam estresse para a família e para o paciente, também existem situações que ocasionam estresse para os profissionais de saúde. Sentimentos como a impotência, a ineficácia e a incapacidade, podem surgir nos profissionais que possuem contato direto com o paciente como os médicos e os enfermeiros. Vários profissionais exibem dificuldades para lidar com essas situações e acabam se afastando da assistência à saúde, da família e do paciente. A atuação do psicólogo para a equipe de saúde pode ser oferecida de forma formal ou informal, facilitando então o diálogo e a criação de espaços para escuta ativa e redução da angústia (DE FIGUEREDO HENRIQUE, 2018; CUNHA, 2017; DE OLIVEIRA TOSTA; DA SILVA, 2018).

Nos momentos de angústia, o apoio psicológico se mostra fundamental para o auxílio tanto dos pacientes, seus familiares e profissionais de saúde. Aspectos como a dor e a resignificação da experiência de perda, podem contribuir para a maximização das reações emocionais, o que de certo modo pode contribuir para prejuízos marcantes para a saúde mental e emocional do indivíduo enlutado. O papel do psicólogo é descrito na literatura como um fator que pode ter uma diferença considerável frente a essa realidade, principalmente com sua atuação no apoio diante do sofrimento psíquico (OLIVEIRA; ROSA; MARBACK, 2018).

O psicólogo nesse cenário deve propor as estratégias que alcancem as necessidades do paciente e seus familiares, e que busque auxiliar principalmente na manutenção do bem estar psicológico. Os indivíduos envolvidos precisam receber suporte emocional para enfrentar a doença e o tratamento assim como os futuros direcionamentos de seu processo. Nesse sentido, podem ser propostos grupos operativos ou focais com indivíduos que partilham as mesmas angústias e sentimentos ou idealizar um atendimento individualizado para aqueles

que mais necessitem dessa assistência. O objetivo do psicólogo nesse domínio é buscar a minimização dos efeitos originados pela realidade vivenciada, além de contribuir para que haja a compreensão dos aspectos simbólicos do processo, possibilitando a ressignificação do contexto (CUNHA, 2017; DE MORAES *et al.*, 2017). O profissional da Psicologia possui um papel diferenciado na equipe multidisciplinar de saúde, buscando promover um equilíbrio psíquico e emocional e conduzindo de forma ideal o processo de terminalidade humana (MONTEIRO; LANG 2017; SEPARACOK *et al.*, 2020).

Nesse contexto, Kubler-Ross foi uma das primeiras profissionais a relatar sobre a importância do apoio psicológico e emocional para todos envolvidos no processo de morte. Na década de 70, ela já elucidava sobre os desdobramentos emocionais, sobre a sobrecarga dos profissionais de saúde e sobre a importância de se avaliar multidimensionalmente a morte. Os ensinamentos publicados há mais de quarenta anos, ainda soam como atuais e geram a reflexão da alta complexidade envolvida em um processo tão natural como a morte.

5 CONCLUSÃO

A partir da realização deste estudo foi possível constatar aspectos relacionados ao processo de morte e finitude humana. Foram levantadas as principais concepções sobre esse processo e sua relação com a tríade: paciente/família/profissionais de saúde assim como as contribuições da Psicologia frente a essa temática. Ficou evidenciado que o processo de finitude humana é vivenciado pelos pacientes de forma multidimensional e singular, esse que possui a participação dos familiares e dos profissionais de saúde. A obra de Elizabeth Kubler-Ross, foi utilizada como dogma central para nortear os relatos aqui apresentados demonstrando a compreensão sobre as repercussões emocionais vivenciadas neste processo.

Com a execução do estudo, foram elucidadas as concepções histórico/sociais da morte que refletem diferentes vivências acerca do contexto sócio/cultural experienciado, os estágios da morte e as possíveis repercussões emocionais segundo a obra central de Kubler-Ross e pôr fim a contribuição da Psicologia nos aspectos emocionais na tríade paciente/família/profissionais de saúde.

Esse estudo se limitou a uma abordagem documental e secundária, devido as atuais condições vividas acerca da pandemia. Nesse ponto a relevância desse estudo se deu pela construção de uma interpretação de uma obra literária clássica, que retrata um tema de difícil de ser reportado, que frequentemente se encontra velado na sociedade contemporânea. Frente a essa realidade, o estudo mostrou a concepção e contribuições do entendimento da temática

para os pacientes e familiares assim como para os profissionais de saúde. As implicações do estudo reiteram a importância do suporte psicológico para todos os atores envolvidos, e também a importância de se discutir sobre o processo de finitude no meio acadêmico e nos espaços de cuidados com saúde. Para futuros estudos sugere-se uma abordagem primária e qualitativa do problema relatado com a escuta ativa dos atores envolvidos nesse processo de finitude, assim como a busca por intervenções no âmbito da psicologia

REFERÊNCIAS

ALVES NL, CASAGRANDE ML. **Aspectos éticos, legais e suas interfaces sobre o morrer**. Rev Cient ITPAC, 2016

CAMPBELL, M.L.; YARANDI, H.; DOVE-MEDOWS, E. Oxygen Is Nonbeneficial for Most Patients Who Are Near Death. *Journal of Pain and Symptom Management*, v. 45, n. 3, p. 517-523, mar, 2013

CAMPOLINA, A.G. *et al.* A transição de saúde e as mudanças na expectativa de vida saudável da população idosa: possíveis impactos da prevenção de doenças crônicas. **Caderno de Saúde Pública**, v. 29, n. 6, p. 1217-1229, jul, 2013

CARDOSO, Érika Arantes Oliveira; DOS SANTOS, Manoel Antônio. Grupo de educação para a morte: uma estratégia complementar à formação acadêmica do profissional de saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 2, p. 500-514, 2017.

CUNHA, Claudia Carneiro da. Compreendendo e construindo a terminalidade em UTI: os significados atribuídos por médicos e familiares ao cuidado, à finitude, à morte e ao morrer. 2017.

Claudia; PY, Ligia. Cuidados paliativos: ciência e proteção ao fim da vida. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 30, p. 1139-1141, 2014. GONGO, Shaogang. Person re-identification by deep joint learning of multi-loss classification. arXiv preprint arXiv:1705.04724, 2017. DA LUZ, Jessica Regean Garcia et al. O OLHAR DA PSICOLOGIA HOSPITALAR FRENTE AO PACIENTE. **Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais**, v. 16, 2018.

DE ALMEIDA, Flávio Aparecido. **COMPREENDENDO AS CONTRIBUIÇÕES DO PSICÓLOGO NESSE CONTEXTO**. 2019.

DE AQUINO, Thiago Antônio Avellar et al. Visões de morte, ansiedade e sentido da vida: um estudo correlacional. **Psicologia Argumento**, v. 28, n. 63, 2017.

DE FÁTIMA GUARESCHI, Neuza Maria. Psicologia e políticas públicas: as práticas profissionais no campo da saúde e da assistência social. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 37, n. 2, 2017.

DE FIGUEIREDO HENRIOUE, Luiz Henrique Costa; DE FIGUEIREDO, Costa. A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR. **Encontros de Iniciação Científica UNI7**, v. 8, n. 1, 2018.

DE MORAIS, Rézia Silva et al. O Setting Terapêutico na realidade do Psicólogo Hospitalar. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 3, n. 2, p. 53-61, 2017.

DE OLIVEIRA MARTINEZ, Rita Tainara; CONDE, Ana Flávia Cicero. MORTE NA CONTEMPORANEIDADE: A NEGAÇÃO DO CONCEITO DE FINITUDE. **Revista da Iniciação científica**, v. 4, n. 1, 2019.

DE OLIVEIRA TOSTA, Luana Rodrigues; DA SILVA, Luciana Maria; DIAS, Andrezza Sisoneto Ferreira. Florescer em solo árido: relato de experiência sobre prática psicológica em contexto hospitalar. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 6, n. 3, p. 508-514, 2018.

DE SOUZA, Camila Diogo. A morte lhe cai bem: reconsiderando o significado do mobiliário funerário na construção do prestígio social. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, v. 3, n. 6, p. 263-287, 2019.

FELIX ZC, COSTA SFG, ALVES AMPM, ANDRADE CG, DUARTE MCS, BRITO FM. **Eutanásia, distanásia e ortotanásia: revisão integrativa da literatura**. Cien Saude Colet.;v. 18, n.9, p. 2733-46, 2013

KOVÁCS, Maria Julia. Curso Psicologia da Morte. Educação para a morte em ação. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 36, n. 91, 2016.

KUBLER- Ross, E. "Sobre a morte e o morrer": 8ª Ed., Martins Fontes. São Paulo, 1985.

MARTINS, Ernesto Candeias. A percepção da morte por idosos institucionalizados: estudo fenomenológico em dois lares residenciais portugueses. **Serviço Social em Revista**, v. 21, n. 2, p. 498-522, 2019

MONTEIRO, Mavla Cosmo; MAGALHÃES, Andrea Seixas; MACHADO, Rebeca Nonato. A morte em cena na UTI: a família diante da terminalidade. **Temas em Psicologia**, v. 25, n. 3, p. 1285-1299, 2017.

MONTEIRO, Suelen; LANG, Camila Scheifler. Acompanhamento psicológico ao cuidador familiar de paciente oncológico. **Psicologia Argumento**, v. 33, n. 83, 2017.

MOREIRA, RV. **Aspectos de aplicabilidade da ortotanásia**. Interdisciplinary Scientific Journal. Rio de Janeiro, Brasil. 2017

OLIVEIRA, Bruna Dias; ROSA, Raphaella Freitas; MARBACK, Roberta Ferrari. Atuação da Psicologia hospitalar: o cuidado com crianças com câncer, família e equipe multidisciplinar. **Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**, v. 17, 2018.

RAMOS, Carla Souza et al. OS DESAFIOS QUE OS PSICÓLOGOS HOSPITALARES ENCONTRAM AO LONGO DE SUA ATUAÇÃO. **Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**, v. 16, 2018.

REIS, José de Arimatéia Rodrigues et al. Prática e inserção do psicólogo em instituições hospitalares no Brasil: revisão da literatura. **Psicologia Hospitalar**, v. 14, n. 1, p. 2-26, 2016.

ROMAN, D J; MARCHI, J J; ERDMANN, R H. **A abordagem qualitativa na pesquisa em Administração da Produção no Brasil**. REGE Revista de Gestão, v. 20, n. 1, p. 131-144, 2013

RUDVAL SS; CÁSSIA LSE; RODRIGO DS; GILVÂNIA PNP; CHRISTIELLE LAM; GERLENE GL. **Percepção de enfermeiras intensivistas de hospital regional sobre distanásia, eutanásia e ortotanásia**. Rev. Bioét. vol.24 no.3 Brasília Sept./Dec. 2016

SANTANA, JCB; BIANCA SD; JANAÍNA MMC; JENNIFFER KAS. **Ortotanásia nas unidades de terapia intensiva: percepção dos enfermeiros**. Rev. Bioét. vol.25 no.1 Brasília jan/abr, 2017

SANTANA,JC;LUCAS,CP;FRAGA,EM;SOUZA,LA;SANTOS,TM. **Ortotanásia: uma visão multidisciplinar acerca do morrer com dignidade.** *Enferm. Rev.* v. 17, n. 1, jan./abr. 2014.

VIEIRA, André Guirland; WAISCHUNNG, Cristiane Dias. A atuação do psicólogo hospitalar em Unidades de Terapia Intensiva: a atenção prestada ao paciente, familiares e equipe, uma revisão da literatura. **Revista da SBPH**, v. 21, n. 1, p. 132-153, 2018.